

A VIOLÊNCIA EM CENA: FORMAS DE COMUNICAÇÃO DA INSEGURANÇA ENTRE JOVENS EM SALVADOR – BA

Talita da Silva Lima1

Orientador: Carlos Alberto da Costa Gomes 2

“Prática da violência, como toda ação, muda o mundo, mas a mudança mais provável é para um mundo mais violento”.
Hannah Arendt

Resumo:

O trabalho identifica dentro da linguagem dos jovens, as formas verbais e simbólicas de percepção e recepção da informação ou sensação de insegurança em relação a um lugar ou evento perigoso, com a finalidade de encontrar as formas adequadas de produção e veiculação de mensagens específicas para jovens no intuito de prevenir a vitimização e / ou a cooptação por atividades criminosas.

Palavras-chave: violência, jovens, comunicação, insegurança

Introdução

A violência é um tema inescapável na vida dos brasileiros, pois já ocupa a primeira posição dentre as preocupações da população segundo os principais meios de comunicação e pesquisas de opinião pública.

Mas o que é a violência? Nos dicionários define-se, de forma simples, como aquilo que é contrário ao Direito, a Justiça ou, ainda, aquilo que resulta do uso da força bruta. Estas definições não se aplicam a violência que exploramos neste trabalho e para definir com clareza este termo, recorreremos a Minayo (1994) que lançou uma luz sobre as possíveis definições para violência, estabelecendo três grandes subcategorias: a estrutural, a da resistência e a da delinquência.

A violência estrutural oferece um marco à violência do comportamento e se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte, é o caso da juventude negra e pobre no Brasil, muito mais vulnerável, que o restante da população, a vitimização.

Já a violência da resistência constitui-se das diferentes formas de resposta dos grupos, classes, nações e indivíduos oprimidos à violência estrutural, como exemplo, podemos citar as que ocorreram em função da ação de movimentos ou grupos revolucionários, que fizeram atentados, guerrilhas e outros atos violentos na luta contra um regime opressor.

Enquanto a violência da delinquência é aquela que se revela nas ações fora da lei socialmente reconhecida, que é fruto da vontade individual e cujo objetivo é obter vantagem pecuniária ou benefício próprio, é descaracterizada de moral, não tem ideal, tem o objetivo de obter vantagem sem considerar mais nada. É fácil de identificar, porque, mesmo quando a ação é coletiva, esta se desvincula dos princípios e normas morais da sociedade. É esta que nos interessa, pois é esta que atinge proporções de epidemia e se transformou em principal preocupação dos brasileiros após a redemocratização da década de 80 do século passado, quando pensávamos que a violência diminuiria, visto que o Estado opressor deixou de existir e com ele a violência estrutural de origem política e a da resistência em oposição a esta. Sua face mais visível é o número de assassinatos.

Segundo Gey Espinheira³, a violência é uma forma social de ser, um modo de representação de vontades, de interesses de indivíduos e grupos sociais, uma resposta social que se manifesta numa pluralidade de ações e de direções.

Como toda ação tem reação, conseqüentemente esta expressão de violência só faz aumentar este ciclo de criminalidade. Desta maneira o ato afeta o seu autor e simultaneamente é afetado por toda uma corrente de atitudes que geram violência.

No mundo encontramos diferentes culturas e formas de governo, mais um valor fundamental comum a todas as nações e Estados é a vida humana. Para preservar a vida, cada sociedade estruturada como Estado criou uma série de leis e órgãos para manutenção da ordem e conseqüentemente preservar a vida. Como existem diferenças culturais, de meios, de população e de leis, a comparação entre um território seguro e um inseguro levava a várias considerações, até que se criou uma “medida”. Como um

instrumento de medida, adotado pelos pesquisadores e órgãos internacionais, foi estabelecido o número de homicídio por grupo de cem mil habitantes, facultando assim a comparação entre diferentes países, culturas e leis.

Países como o Japão apresentam a taxa de 0,5 homicídios por grupo de 100.000 habitantes, já os Europeus, exceto os anteriormente pertencentes a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, apresentam taxas de 2 a 3 enquanto que os antigos membros da URSS tem taxas mais elevadas, chegando a 10, todas em função de cem mil. No Brasil esta taxa é de 30 homicídios por grupo de cem mil, número extremamente alto, praticamente cinco vezes maior que o país mais violento entre os desenvolvidos, os Estados Unidos da América-EUA, com 6 (seis)(disponível em www.observatorioseguranca.org).

Somente na cidade de Salvador, 1.337 assassinatos ocorreram, segundo dados do Centro de Documentação e Estatística Policial (CEDEP), que representam um aumento de 38,3% em relação ao ano de 2006. (A Tarde, 2008)

Outras estatísticas preocupantes são as que relacionam a violência à juventude. De acordo com uma pesquisa realizada pela UNESCO, a violência atinge muito mais os jovens de 15 a 24 anos do que pessoas das outras faixas etárias. A pesquisa mostra que, entre os jovens de 15 anos, 23% morrem de homicídios. Aos 17 anos, os jovens assassinados já são 35,3%. Até que a violência atinge seu máximo com os jovens de 20 anos: 37,1% deles morrem vítimas de homicídios.

Neste contexto, a preocupação com a vitimização dos jovens é fundamental, como evitar que sejam vítimas, como comunicar com jovens?

De acordo com Sausurre⁴ a linguagem é uma faculdade humana que torna possível a produção social de sistemas de signos que servem para comunicar. Um conjunto adequado de signos/símbolos transmite uma mensagem, muito mais que verbal ou escrita, é um contexto que traduz uma idéia. Quais as formas, mensagens e signos e símbolos que são utilizados pelos jovens ao tratar da violência e da insegurança?

Segundo Debarbieux (1998) a juventude está associada à incivilidade, a desorganização, a introdução do caos e a perda de sentido da vida nesta faixa etária. A violência que atinge Salvador, como o resto do Brasil é específica, concentra-se sobre os jovens, sejam como vítimas ou como atores, portanto pode ser considerada um fenômeno social e não como resultante da ação de um indivíduo que isoladamente se expõe ao risco.

“A violência que se funda sobre as desigualdades e a eliminação física do outro é a sua expressão mais extrema. A marginalidade e a exclusão são as fontes da violência necessária, enquanto que as diferenças são a inspiração da violência desnecessária.” (Gey Espinheira, 2001)

Desta forma questiona-se, como este jovem e não os outros foi vitimizado? Como os demais, aqueles que não são vitimizados, evitaram aquela situação de risco? Como perceberam e porque perceberam os avisos, signos, mensagens de alerta sobre o risco eminente?

Essas informações só nos levam a perceber que é de extrema importância a compreensão de como os jovens se comportam neste contexto, como transmitem as suas mensagens com os alertas e informações sobre as áreas e horários de risco. Eles são principais vítimas desta violência, como eles comunicam esta insegurança? Qual a linguagem adotada pelos jovens. O domínio ou o conhecimento, mesmo que parcial, desta linguagem pode permitir criar mensagens adequadas para este público alvo, que é a principal vítima da violência na atualidade.

Métodos

Partimos na estruturação do projeto da idéia do estudo da população jovem de Salvador, considerando a classificação dos grupos a partir dos níveis sociais, locais onde moram e outros fatores determinantes. Para cada grupo, selecionamos uma amostra no qual foram aplicados questionários de natureza fundamentalmente qualitativos, ou seja, questionários abertos para obter mais informações e significados das mensagens.

Ao aprofundar no estudo da caracterização de grupos de jovens encontramos um fato relevante que obrigou a reestruturação do trabalho em uma visão mais realista da juventude e de como ela se insere na sociedade: o jovem não vê obstáculos sociais e socializa independentemente de classes, renda ou cultura, em um convívio verdadeiramente democrático que só encontra limite quando os valores de ingresso nos locais tornam-se impeditivos desta prática. Com a aquiescência da sociologia⁵, o trabalho passou a identificar dois grandes grupos genéricos que classificaremos posteriormente.

Resultados

Partindo do pressuposto que os jovens são alvo desta violência, como eles comunicam a sensação gerada pelo e deste ambiente violento? A resposta desta pergunta nos leva a muitas outras, e antes de qualquer coisa requer uma definição precisa de como é composto a população jovem em Salvador.

Segundo Pichon – Riviere⁶, quando uns conjuntos de pessoas se reúnem em torno de uma tarefa específica, com o objetivo semelhante forma-se um grupo social, assim se pode definir grupos tais como o dos operários, bastante genérico, um grupo de empregados com diferentes habilitações e aspirações, mas que para um determinado enfoque, podem ser enquadrados como um único grupo. Desta forma os participantes de grupos repetem, reproduzem estilos, modos de pensar, falar, deixando de agir apenas como indivíduos distintos e passando a ser representantes do todo do qual fazem parte.

Neste trabalho, procuramos estabelecer uma forma de caracterizar grupos, que tivessem um comportamento assemelhado, entre os jovens de Salvador. Nesta busca, na qual procuramos intencionalmente alijar os conceitos de classes sociais que, a nosso ver, não são plenamente aplicáveis nas relações entre jovens, com apoio da sociologia, encontramos uma atividade, relacionada com a comunicação, fator preponderante para a análise ou estruturação dos grupos já que o objeto da pesquisa é a própria comunicação, para este grupo específico, comum e característico dos jovens em todo o mundo e mais ainda para os soteropolitanos - o gosto musical específico desta faixa etária.

A maioria dos jovens Salvador se une por uma preferência musical genericamente compartilhando democraticamente espaços dos shows e eventos, onde são disponibilizados, independentes de níveis sociais. Estes gostos acabam refletindo tanto na roupa quanto nas atitudes em relação às demais situações da vida, aos inúmeros conflitos que os cercam no dia-a-dia e principalmente, no foco desta pesquisa, em relação a forma de comunicar, com palavras, gestos, gírias específicas. Outros, em uma clara replicação da distribuição de renda na cidade, extremamente concentrada em um pequeno grupo social, têm acesso a bens e valores que não são comuns aos demais jovens, estando assim caracterizado uma divisão genérica, não exata e nem constante e permanente.

Esta busca de agrupar os jovens por grupos que tenham pontos de vista semelhantes vem afirmar a necessidade que o homem tem de viver em comunidade, e que é muito mais específico nos jovens, que como é sabido, prezam mais o grupo social a que se liga que o grupo familiar, estando assim em contato com o mundo, numa relação de interdependência necessária ao amadurecimento e as experiências da vida.

Partindo da premissa que a violência pode ser vista de diversas formas, dependendo do contexto social no qual a mesma está inserida, foi necessário analisar os grupos de jovens para um melhor desenvolvimento do projeto de acordo com as especificidades sociais ou de socialização (locais de encontro, passeios, trabalho e estudo).

Podemos identificar, através de padrões genéricos de conduta, para as necessidades deste trabalho, duas grandes categorias nas quais se pode incluir a maior parte da juventude de Salvador.

A primeira delas é o que denominaremos aqui de “Regionais”. Este grupo é formado por jovens que vão genericamente dos de menor poder aquisitivo, até aqueles considerados como participantes da classe média, mas não excludente dos de maior poder aquisitivo, ambos os sexos e que na sua maioria são afro-descendentes e residem nos bairros populares de Salvador, como Liberdade, Paripe, São Caetano e outros característicos da cidade. São aqueles jovens que gostam de estilos musicais como forró, pagode, do tão recente “arrocha” entre outros. Eles movimentam-se e circulam em seus próprios bairros, eventos locais, onde não se tem muitos gastos, aventurando-se, algumas vezes por mês, em eventos de maior envergadura e que atrai a maioria da população, como Forrós com bandas famosas, shows populares, para grande número de pessoas e preço acessível. Uma característica marcante deste grupo é a forma verbal de se comunicar, sempre com uma linguagem bem informal carregada de gírias e palavras muitas vezes construídas por eles ou palavras já existentes, mas com um novo significado.

O segundo grupo denominamos de “Mauricinhos e Patricinhas”. Sempre “descolados”, os membros deste grupo vivem em função da moda. Predominantemente são jovens de maior poder aquisitivo, moradores dos bairros novos, como Pituba, Itaigara, Caminho das Árvores, Vilas e outros, com elevado número de moradores não nascidos na cidade. O custo de “vida social” é alto, pois estão sempre vestindo roupas de marcas e freqüentando os chamados “point de encontro”, que são os barzinhos e as boates como a *Fashion*, *Zion*, *Happy News*, *Lótus*, *Dolce*, entre outras.

A decisão de trabalhar com estes dois grupos distintos buscou reduzir a amplitude e focar o trabalho comparando os resultados obtidos e assim determinar as diferenças nas formas de perceber e comunicar a violência. A possibilidade de outras formas de agrupar os jovens são infinitas, mas para o escopo este trabalho, não contribuem de forma decisiva. Subgrupá-los poderia sim produzir um viés na pesquisa já que na prática, nas festas de todos os tipos, e nos locais específicos para jovens, existem, de fato, estes dois grandes grupos.

Para entender melhor as formas de comunicação da insegurança decorrente do histórico de violência, devemos conceituar essa comunicação.

A comunicação não é algo dado, mas produzido como resultante das necessidades humanas. Esta comunicação é construída pela linguagem, que é o que forma este processo de trocas, tornando-se assim um instrumento de produção social.

As representações que constituem a linguagem definem onde começa todo o processo de comunicação, e é a partir delas que conheceremos de que forma os jovens comunicam a insegurança causada pela violência.

Segundo Laswell⁷, o emissor (quem) comunica uma mensagem (diz o que) que produz para o efeito (impacto); o receptor (a quem) alcança com os seus sentidos essa mensagem e associa-lhe certo conteúdo (decodifica a mensagem). Desta maneira o ato afeta o seu autor e simultaneamente é afetado por toda uma corrente de atos comunicativos, transmitindo mensagem com um conteúdo comum, compreensível entre eles. Não é diferente quando esta comunicação se dá entre os jovens, tanto a comunicação verbal, quanto à não-verbal.

Conceituando A Violência

Os “regionais” definem a violência como algo inesperado, ignorante, que afeta o outro. Agressão física e verbal que machucam sua imagem e sua integridade. Consideram algo muito ruim que gera traumas, sofrimentos, chegam até a denominar de “ato brutal”. Nas respostas deixaram clara a idéia de que a violência traz conseqüências e uma delas é o surgimento de outros atos violentos “violência gera violência”.

Os “Mauricinhos e Patricinhas”, o segundo grupo, consideram a violência uma ofensa, e que atinge o indivíduo fisicamente e utilizam também o termo psicologicamente. Para eles é uma situação que gera constrangimento, acanhamento expondo a vítima. É notável a preocupação deste grupo com os sentimentos gerado pela violência, como o de angústia, de frustração, de medo.

Analizando As Vítimas De Violência

Dos entrevistados do grupo “regional”, nenhum sofreu violência e todos conhecem pelo menos uma pessoa que já sofreu algum tipo de violência.

Já com o outro grupo, o dos “mauricinhos” e “patricinhas”, vemos justamente o contrário. A maioria já sofreu algum tipo de violência e também conhecem pessoas que já passaram pela mesma situação. Com isso podemos afirmar que os jovens da classe alta estão mais expostos a violência, o que torna este dado muito interessante e inesperado, permitindo questionar se os componentes dos Regionais não estariam encobrendo a verdade ou omitindo como forma de autopreservação.

Mudança De Comportamento

Os regionais afirmam que seus conhecidos, que foram vítimas da violência deixaram de frequentar alguns lugares, ficaram com receio de sair de casa, mudando horários, a rotina e, às vezes, até o emprego. Basicamente, quando a vitimização tem relação com o transporte, entre as primeiras medidas estão evitar o ônibus, andando o mínimo possível.

Os “Mauricinhos e Patricinhas”, também tiveram atitudes parecidas com as dos “regionais”, adequando-se ao estilo de vida do grupo, evitando passar pelo mesmo caminho, mantendo os vidros do carro fechados e evitando sair em horários considerados perigosos, quando julgam que é mais fácil ocorrer a vitimização, evitando acesso ao caixa rápido em locais vazios, enfim, procurando sempre ter mais cautela e observar mais.

A maioria dos entrevistados, de ambos os grupos, costumam conversar com os amigos sobre a violência e criminalidade, pois consideram o assunto importante, e é lógico, já que todos são alvos preferenciais da violência como vimos nos dados apresentados acima.

A violência acaba por determinar a forma de viver dos jovens, levando muitas vezes a uma reação irracional, tornando-os prisioneiros e principais sustentadores do medo, buscando sempre se auto-proteger e fazendo com que as relações humanas sejam baseadas na desconfiança do outro, do desconhecido.

Percebendo O Local Perigoso

Através de pessoas, histórico do lugar, movimentação, se o lugar está deserto ou não ou até mesmo como eles falaram “se tiver pivete no local”, ambos os grupos consideram como ameaça direta, local perigoso, local que deve ser evitado.

Especificamente, o segundo grupo afirma observar o nível de segurança no local através dos movimentos estranhos, ambiente vazios, isolados e também a aparência das pessoas que estão nesse local. Esses também utilizam os termos deserto, vazio, escuro, black, feio, fui, nos levando a busca de uma compreensão mais aprofundada em relação a estes signos.

Apesar de explicitamente o questionário buscar os termos empregados pelos jovens, inexplicavelmente, ocorreu um receio de explicitar com gírias, a forma de comunicar o perigo. Restando analisar os termos mais recorrentes, como o “local deserto (vazio)”, “escuro (black)” e “feio”.

- Local deserto (vazio): O deserto refere-se ao local sem vida, pois como sabemos no deserto não há água, logo associamos vida a água, que pode-se dizer que são outras pessoas, que fazem com que o lugar deixe de ser deserto e passe a ser cheio de vida, deixando de ser um local perigoso.
- Local escuro (black): Ausência de luz, o escuro remete ao perigo e a morte. Ninguém gosta do escuro, pois a escuridão está associada ao medo, implicitamente a uma coisa ruim, onde há falta de vida

também, logo, um local escuro é um local perigoso, indesejado, pois pode gerar a morte, ou seja, o fim.

- Local feio: remete ao desconforto, um local não agradável, conseqüentemente, inadequado.

Os grupos acabam se comunicando também através de uma nova linguagem, ou até mesmo uma adaptação da linguagem já existente. Reggae “comer água”, ir pra “Rave” são alguns exemplos, mas que não foram usados nas respostas dos questionários.

O que se pode observar na pesquisa é uma intensa linguagem não falada, executada através de sinais e posturas corporais, que geram a nítida sensação de desconforto, de uma situação não agradável, embora sem uma única palavra que traduzisse a mensagem.

Comunicando A Insegurança

Os regionais comunicam através de gestos, palavras, demonstração de medo e através do olhar. Já os “Mauricinhos e Patricinhas” comunicam a insegurança através de depoimentos, nervosismos e colocam bastante ênfase no que transmitem, para passar credibilidade. Comunicam também através das atitudes, expressões faciais e novamente temos também aqui o olhar como forma de comunicação.

- Olhar: Jean Paul Sartre afirma que o contato visual é que nos faz real e diretamente consciente da presença de outro ser humano dotado de consciência e intenções próprias. O movimento dos olhos aponta para aquilo que está sendo visto, ou sentindo. Situações de medo são claramente ditas através do olhar. O olhar consegue passar sensações que muitas vezes não são preenchidas através das palavras.

Como na percepção a comunicação, muita das vezes se deu através de um conjunto de posturas corporais e de olhares, transmitindo a mensagem, sem muitas palavras ou até na ausência delas.

Recebendo Informações De Insegurança

Neste tópico encontramos comportamentos distintos entre os grupos estudados. O primeiro grupo, os “regionais”, procuram receber as informações de insegurança com tranqüilidade, calma, normalidade, visando disfarçar, pois acreditam que se demonstrarem esta insegurança poderão correr mais riscos.

O segundo grupo age de forma diferente. Recebem as informações com medo, pânico, apreensão, inquietação, angústia e muitos deles se colocam no lugar das vítimas com um sentimento de indignação, mas prioritariamente com medo.

Podemos perceber o medo nas duas respostas, apesar da contrariedade entre elas. Este sentimento gerado pela violência é avaliado por Maria Milagros López (1998), pesquisadora da Universidad de Puerto Rico, como uma qualidade social que emerge ou desaparece em função da relação real ou imaginária com o exterior. Os jovens associam o medo aos lugares, as pessoas ou situação de risco, que pode ser considerado como o exterior citado pela pesquisadora. A representação deste medo é que faz com haja o aumento na sensação de insegurança.

Resposta Da Violência

No primeiro grupo como resposta a insegurança muitos optam por mudar os hábitos. Evitam sair, passam a sair acompanhados e acreditam que outros atos violentos são gerados a partir desta insegurança. O segundo grupo vê a agressão, exclusão, xingamentos e mudança de hábitos como respostas para a insegurança, fato este comprovado pela pesquisadora Alba Zaluar no Seminário Segurança e Participação de 2006⁸.

Podemos analisar a agressão como resposta a outros atos violentos? Segundo a teoria behaviorista que se baseia no fundamento estímulo-resposta, toda ação é provocada por um estímulo. Para essa teoria o comportamento independe do ambiente e se baseia apenas em estímulo-resposta. Já para teoria Gestaltica o comportamento

analisado de forma isolada do contexto amplo poderá perder seu significado, adotamos neste trabalho a segunda concepção, o ambiente provoca a resposta.

O ambiente que provoca a resposta adequada a ele é em alguns casos, um ambiente criado pela própria percepção dos jovens em relação ao local. Daí a existência de violência em lugares inesperados, cuja a violência surge como um comportamento de agressividade gratuita, mas que pode ser considerado, como uma postura “controlada”, pois o acesso aquele local se deu por considerar que era seguro. É uma insegurança controlada, que sabe onde ocorre, é a que se dá em festas, bailes e boates, que de verdade, não são locais violentos.

Conclusão

Através do trabalho, pretendeu-se de forma objetiva proporcionar um conhecimento mais aprofundado em relação ao tema da comunicação da insegurança.

Face à importância de conhecer a estrutura da linguagem dos jovens, que acaba por construir formas próprias de comunicar a violência, fez-se necessário um estudo específico. Partindo da premissa que a violência pode ser vista e conceituada de várias formas, dependendo do ambiente que ela está inserida, analisamos dois grupos de jovens para um melhor desenvolvimento do trabalho.

O retrato da violência é de jovens como principais vítimas, independente da classe social. Tanto a juventude com condições financeiras privilegiadas, quanto às oriundas das classes populares vivenciam uma realidade com vários pontos em comum.

Tendo em vista que a violência tem sido um dos principais problemas do mundo contemporâneo, com profundos reflexos no nosso cotidiano, sugiro não só a veiculação de mensagens. Um trabalho de conscientização amplo, envolvendo governos, sociedade civil, escolas e ONG's, com ênfase nos danos que a mesma tem ocasionado ao homem e aos diversos segmentos da sociedade. Esta campanha pode ser considerada uma possível saída objetivando assim, minimizar e criar mecanismos de prevenção face a esta problemática.

Através das artes de um modo geral, especificamente a música, linguagem aceita e penetrante para os jovens, veicular mensagens de paz, união, confraternização. É

importante que as mensagens têm de carregar os signos e símbolos que tragam na sua essência elementos que ressaltem o valor e a auto-estima dos jovens. Para tal é necessário que as mensagens sejam acompanhadas de imagens que transmitam as idéias certas.

Para alertar os jovens sobre as situações perigosas é necessário uma complementação da linguagem, uma linguagem muito estruturada na imagem, que este trabalho não pode capturar, sendo necessário mais estudos, com ferramental próprio para gravar e analisar imagens e seus significados, pois a maior parte da linguagem específica dos jovens se dá através de comportamentos, gestos, olhares que somados as poucas e palavras transmitem uma mensagem muito mais complexa que a que é possível veicular com textos na linguagem formal e normal.

Notas

¹ Estudante de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda. Aluna de Iniciação Científica. Bolsista FAPESB.

² Possui graduação em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (1977), mestrado em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (1987) e doutorado em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado Maior do Exército (1995). Atualmente é professor titular das cadeiras de metodologia, métodos de pesquisa e geopolítica do programa de pós-graduação em planejamento do desenvolvimento regional e urbano - PPDRU da Universidade Salvador - UNIFACS. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em integração internacional, guerra e paz, conflito e operações de garantia da lei e da ordem. Trabalha com os seguintes temas: estratégia, geopolítica e integração regional; violência urbana, segurança pública, criminalidade e segregação do espaço na cidade de Salvador na Bahia; desenvolvimento sustentável, planejamento regional e urbano, serviços regionais e urbanos.

³ Carlos Geraldo D'Espinheira, sociólogo, doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), professor adjunto do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Federal da Bahia; pesquisador associado ao Centro de Recursos Humanos - CRH-UFBA; líder do Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq. "Cultura, cidade e democracia: sociabilidade, representações e movimentos sociais".

⁴ Investigador suíço, fundador da lingüística moderna. Os seus trabalhos de investigação permitiram o estabelecimento da lingüística como ciência

⁵ Professora Alba Ramos da UNIFACS

⁶ Pichón Rivière começou a trabalhar com grupos à medida que observava a influência do grupo familiar em seus pacientes. Seguindo os conceitos da psicologia social, afirmou que o homem desde seu nascimento encontra-se inserido em grupos, o primeiro deles a família se ampliando a amigos, escola e sociedade.

⁷ Harold Lasswell (1902-1978), psicólogo e investigador nas áreas de política e das ciências sociais. É bastante conhecido pelo seu modelo de comunicação: quem diz o quê a quem, por que canal e com que efeito.

⁸ Observatório de segurança Pública da Bahia- www.observatorioseguranca.org. Acessado em 18 de julho.

Referências

CABRAL, Muniz Sodré Araújo, s/d - O Monopólio da Fala - Função e Linguagem da Televisão no Brasil - Ed. Vozes - Petrópolis – Brasil

Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000400005 > Acesso em: Fevereiro.2007.

ESPINHEIRA, Gey. OBSERVARE: Revista Interdisciplinar de Segurança Pública do Território [recurso eletrônico]– Vol1, (jan. /jun. 2007)- Salvador: Universidade Salvador – UNIFACS. Observatório Interdisciplinar de Segurança Pública do Território, 2007.Pg 39.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota . Metodologias Qualitativas na sociologia. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

KRISTEVA, Julia. História da Linguagem. Lisboa, Ed. 70, 1984.

LIMA, Luis Costa. Teorias da Cultura de Massa. Rio de Janeiro, Ed.Saga, 1987.

MATTELART, Armand e Michele. Histórias das teorias da comunicação. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo, Ed. Cultrix, 1979.

MINAYO, M. C. S. Social Violence from a Public Health Perspective. Cad. Saúde Públ, Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 07-18, 1994.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Comunicação e Cultura. A Cultura na era da informação. Lisboa, Ed. Presença, 1990.

SANTAELLA, Lucia. O que é semiótica. 13.ed. São Paulo: Editora Brasiliense,1996.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2000.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches e PORTO, Maria do Rosário Silveira.Violência, insegurança e imaginário do medo, Cad. CEDES vol.19 n.47 Campinas Dec.1998.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Ed. Presença, 1987.